

Biblioteca escolar e educação

Monica do Amparo Silva
Bibliotecária da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte
monica_amparo@bol.com.br

Introdução

Esta reflexão pretende focalizar na literatura a relação da biblioteca escolar com a educação e a sua importância para esta. Para tanto parte do princípio de que ambas estão interligadas com vistas a um objetivo maior: a educação em seu sentido mais amplo. Não deixando de abordar a relação biblioteca e escola.

AMARO (1998) em sua revisão de literatura afirma ser o reconhecimento praticamente unânime do papel educativo das bibliotecas.

No entanto, quando o assunto é biblioteca escolar a dimensão deste papel educativo toma proporções extras. A biblioteca escolar constitui um instrumento precioso no processo educacional do cidadão, uma força e um fator impulsor da educação (DAVIES, 1974).

Circunscrita ao ensino básico, a biblioteca escolar constitui elemento fundamental na formação do usuário da informação, projetando-se – esta formação – nos diversos níveis da vida intelectual e profissional dos indivíduos. (QUEIROZ)

A biblioteca escolar potencializa as condições para a formação permanente do cidadão, oferecendo-lhe os primeiros serviços bibliotecários e capacitando-o a utilizar outros individualmente sempre que julgar necessário, além de poder propiciar o exercício de sua curiosidade, estimulando, assim, seu aprendizado contínuo e seu desenvolvimento.

LOURENÇO FILHO (1944) afirmava ser ensino e biblioteca instrumentos complementares, segundo o autor “uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será por seu lado, instrumento vago e incerto”.

Através da educação formal instrumentaliza-se a população para o exercício de

seus direitos e deveres. Como um desses possíveis instrumentos, a biblioteca escolar demonstra assim ter um compromisso essencial com a educação, a cultura e a formação do cidadão. Mesmo não sendo a única forma de acesso à informação, a atuação da biblioteca escolar é de caráter fundamental na busca e alcance da qualidade na educação formal, sendo que as possibilidades que ela pode criar para a concretização dos objetivos do ensino formal não devem ser ignoradas ou subjugadas.

Nas palavras de VÁLIO (1990) a biblioteca escolar é “uma faceta de toda atividade escolar e o bibliotecário é tanto um professor como os outros como também um apoio e complemento para cada professor. O bibliotecário escolar é um professor cuja disciplina é ensinar a aprender”.

A biblioteca escolar apresenta-se, segundo AMATO & GARCIA (1989), como um “recurso indispensável para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizado e formação do educando” .

Estas afirmativas são corroboradas principalmente quando comparadas aos objetivos explicitados sobre o ensino na lei n. 7.044¹ ou aos objetivos gerais para o ensino fundamental indicados nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Porém, a biblioteca escolar não é uma instituição independente, sua atuação faz-se de acordo com as diretrizes de outra instituição, a escola. A biblioteca escolar tem, pois, estreita ligação com a concepção educacional adotada pela instituição educacional da qual ela é integrante² e portanto, “supõe-se que a biblioteca deve estar integrada ao planejamento e ao projeto pedagógico da escola, para que ela possa vir a cumprir as suas funções”. SILVA, S. A. (1997)

Para DAVIES (1974):

“la biblioteca escolar se convierte en una fuerza que favorece la excelencia educativa cuando funciona como un elemento de apoyo que es parte integrante del programa educativo en su conjunto (...) El programa de la biblioteca y el programa educativo son interdependientes, idénticos e inseparables”³. SANTOS (1973)

¹ “O ensino de 1º e de 2º grau tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania”. (AMATO & GARCIA, 1989, p. 11)

² O que nos impele a investigar a política educacional que gerou e implementou o programa de revitalização das bibliotecas das escolas do município de Belo Horizonte.

³ A biblioteca escolar se converte em uma força que favorece a excelência educativa quando funciona como um elemento de apoio que é parte integrante do programa educativo em seu conjunto. (...) O programa da biblioteca e o programa educativo são interdependentes, idênticos e inseparáveis.

Também corrobora tal afirmativa ao dizer que “a elaboração dos meios para a realização do objetivo das atividades educativas será consequência deste objetivo”. Ou seja, a biblioteca sendo entendida enquanto um meio para a realização do objetivo educacional, esteja este pautado em que bases estiver, terá em seu perfil, em sua constituição e atuação, os traços “genéticos” provenientes do objetivo que a concebeu, do tipo de conceito educacional no qual foi planejada e para o qual irá trabalhar.

Para AMATO & GARCIA (1989) “a biblioteca, inserida no processo educativo, deverá servir de suporte a programas educacionais, integrando-se à escola como parte dinamizadora de toda ação educacional”.

Segundo CAMPOS & BEZERRA (1989) “a biblioteca, como qualquer outro equipamento escolar, deve atuar em conexão com o plano pedagógico da escola”.

Entretanto, a biblioteca escolar não foge ao caráter político-social⁴ da instituição biblioteca. Ela traz em seu âmago a contradição e as possibilidades de, interagindo com a sociedade, contribuir para alterações na estrutura social. E vinculada à escola, a biblioteca escolar muitas vezes ocupa uma posição desconfortável e paradoxal.

Com o intuito de desempenhar bem sua missão, a biblioteca precisa estar integrada à prática desenvolvida na escola. Contudo, esta integração muitas vezes pode implicar na negação da identidade da biblioteca como espaço propício à multiplicidade de informações, de discursos e de posições, à conscientização, à transformação.

O vínculo a uma simples escola já atribui à biblioteca escolar um aspecto de complexidade uma vez que, segundo MILANESI (1986), a escola de modo geral é criada com o objetivo específico de formar, atuando no sentido de indicar ao indivíduo o que deve ser, o que deve fazer e como deve fazer; o vínculo a uma escola com o claro compromisso de reproduzir a ideologia do sistema poderá conferir, à biblioteca (se ela ali existir), o perfil de espaço conformado e igualmente reprodutor, refletindo, assim, a postura da escola à qual está ligada. Não haveria espaço para o confronto ou oposição de idéias, vitais a uma biblioteca.

Se “a escola reproduz em si as regras do sistema para que os educandos, vivendo-as, possam incorporá-las” (MILANESI, 1986), a biblioteca escolar, refletindo a

⁴ Sua responsabilidade para com a formação do cidadão crítico é redobrada, a medida que configura-se como um dos primeiros espaços de informação sistematizada com o qual o indivíduo tem contato. Promovendo a efetiva circulação de informações, a biblioteca escolar também será um instrumento.

escola, acataria, confirmaria e reforçaria esta reprodução.

Por outro lado, este vínculo também pode significar um desafio a mais para a biblioteca escolar. Segundo MILANESI (1986), “uma vez que a biblioteca trabalha com o conjunto de informações e essas são, normalmente, conflitantes. Seria quase impossível criar uma biblioteca que tivesse um discurso direcionado”. Sendo assim, a biblioteca jamais serviria de instrumento à reprodução. Mesmo dentro de uma estrutura reprodutora, ela atuaria como um agente revolucionário a minar, gradativamente, esta estrutura.

Ao considerar que a função da atividade educativa possa ser concorrer para o “desenvolvimento da pessoa do aluno e o alargamento de sua cultura” (SANTOS, 1973) a forma de realizar-se esta função ou mesmo de conceber o desenvolvimento da pessoa pode variar em contextos, culturas e até mesmo cenários políticos diferentes. Fato este que também acarretará mudanças no tratamento e concepção da educação assim como da biblioteca escolar. Esta afirmação pode ser constatada através do próprio histórico da educação e da biblioteca escolar no Brasil. Para SILVA, S. A. (1997):

“se resgatarmos a história das bibliotecas no Brasil, veremos que, de um modo geral, elas demoram a surgir, sendo que, no período colonial, não existiam bibliotecas públicas de qualquer natureza. O conhecimento e os livros, como na Idade Média, restringiam-se aos conventos, onde o seu uso também era restrito.”

Nos primeiros tempos do Brasil colônia, a formação intelectual estava nas mãos da Igreja, sendo que os primeiros colégios do Brasil foram fundados pelos jesuítas de São Vicente e Salvador e as primeiras bibliotecas eram justamente destes colégios.

Segundo NOGUEIRA (1986) “assim que os jesuítas chegaram ao Brasil, tiveram como preocupação inicial pedir à Portugal documentos, que, na sua maioria, constituíam-se de obras religiosas, para formar o acervo da biblioteca de seus colégios.”

Segundo MILANESI (1986) “os jesuítas, como não podia deixar de ser, organizaram as primeiras bibliotecas no Brasil, nascidas nos lugares onde eles assestavam suas armas para a conversão do gentio”.

O acervo dessas bibliotecas era dirigido a catequese e ao aprimoramento dos religiosos. As obras que constituíam os acervos gerenciados pela igreja eram fundamentalmente litúrgicas ou tendiam a confirmar a interpretação dos fatos defendida por esta instituição. O acesso ao acervo era por vezes dificultado, chegando-se a proibir

muitas vezes o acesso a obras não recomendadas. Há que salientar que a procura era mínima uma vez que a maioria de população era analfabeta, inclusive os colonos.

Nos primeiros três séculos após a chegada dos colonizadores no Brasil, “os livros e bibliotecas eram instrumentos que os incansáveis jesuítas usavam para reproduzir a sua verdade de salvação eterna e de exploração terrena”. (MILANESI, 1986)

Entre o ensino e a realidade da colônia não havia nenhum tipo de vínculo ou compromisso. O primeiro - totalmente importado e com o objetivo primeiro de catequizar os índios e depois destinado a poucos filhos de colonos sem preocupações profissionais - tinha como base o *Ratio Studiorum*⁵ e dividia-se em duas fases:

“inferior, com seis anos de duração, durante os quais se ensinavam Retórica, Humanidades e Gramática; superior, com três anos, que incluía Lógica, Moral, Física, Matemática e Metafísica. Todas as matérias eram dadas através do grego, latim e vernáculo”. (KOSHIBA & PEREIRA, 1987)

Enquanto a educação era um instrumento elitista destinado apenas ao enriquecimento cultural da pequena classe abastada e a instrução de toda a população não era do interesse dos governantes, a biblioteca constituía um instrumento de luxo, muitas vezes sem função. Seu acervo era compromissado com o enriquecimento cultural do estudante de acordo com o que então era considerado como cultura, que por sua vez era talhada nos moldes europeus⁶.

Segundo MILANESI (1986) “essas bibliotecas sobreviveram até Pombal, que em 1759 desmantelou toda a rede de ensino jesuítico, expulsando os padres do Brasil”.

O estabelecimento da Corte no Brasil acarretou mudanças no panorama cultural ligadas, principalmente, à necessidade de criação de instituições que garantissem a difusão de valores no sentido de estimular a obediência de todos ao governo recém-instalado no Brasil. Visava-se estabelecer uma nova forma de dominação, assegurando-se a continuidade do poder e da tradição. (KOSHIBA & PEREIRA, 1987) Iniciava-se na história do Brasil uma prática que mais tarde tornar-se-ia comum: utilizar instituições culturais e principalmente a educação para exercer dominação.

⁵ Um estatuto e um sistema de ensino que estabelecia o currículo, a orientação e a administração.

⁶ Importante ressaltar que muitos jovens viajavam para a Europa a fim de concluir os estudos. Os que ficavam se restringiam aos limites do ensino aqui oferecido.

Também o declínio do fervor religioso e o fim da unanimidade da crença religiosa, no fim do século XVIII, influenciaram a educação.

“Depois da expulsão dos jesuítas, o acontecimento mais marcante foi nova política educacional, no bojo da Independência”. (MILANESI, 1986) Com a independência política brasileira e alterações que abarcavam todo o ocidente e influenciavam o Brasil (defendiam idéias de igualdade, fraternidade e liberdade), a educação começou a ser estendida a um corte maior da população brasileira, não o suficiente ou o ideal, mas uma pequena iniciativa de ampliação da assistência educacional à população brasileira⁷. “D. Pedro I ao outorgar a Constituição em 1823 garantiu a instrução primária gratuita a todos os cidadãos brasileiros. A partir de 1827 foram criadas as primeiras escolas primárias”. (MILANESI, 1986)

Como resultado disso inicia-se no Brasil, na metade do século XIX, a discussão sobre a necessidade de bibliotecas apropriadas às escolas. (VÁLIO, 1990)

Segundo VÁLIO (1990):

“a criação de bibliotecas escolares, no sentido hoje entendido, começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. (...) As bibliotecas das escolas normais foram surgindo até 1915, sendo as décadas de 30 e 40 reservadas à criação das bibliotecas dos ginásios estaduais”.

Nesse sentido, o final do século XIX e o século XX trouxeram importantes e definitivas alterações tanto comportamentais quanto conceituais que suscitaram reflexões à cerca do objeto educação, entendido como fato social. Estas reflexões originaram novas formas de se entender e se praticar o ensino.

Uma dessas formas foi posteriormente tida como tradicional. Durante a vigência do conceito tradicional de educação⁸, na qual só era valorizada a habilidade cumulativa e repetitiva do aluno, que, por sua vez, era tido como um recipiente vazio à espera de conteúdo, a biblioteca escolar era tida como um depósito de livros, cuja única função permitida era a de reproduzir a ação repressora e unilateral exercida em sala de aula.

De acordo com este conceito tradicional a prática de ensino se firmava apenas

⁷ No exterior, principalmente nos Estados Unidos, ocorreu, no século XIX, o estabelecimento de escolas, sobre uma base político-econômica, concentrado especialmente no período de 1835 a 1850. As reformas sugeridas ao ensino neste momento contava entre outras com a proposta de escolas mais bem equipadas, bibliotecas escolares, currículo enriquecido, melhor preparação dos professores.

na figura do professor e do livro didático ou livro texto, como únicos transmissores de conhecimento, e onde a existência ou não da biblioteca escolar não fazia muita diferença. Esta prática de ensino acarretou à biblioteca escolar o abandono, falta de legitimação bem como falta de espaço e iniciativas que priorizassem seu bom e efetivo funcionamento.

“A ausência da biblioteca ou a sua presença ornamental – o que talvez fosse pior – por levar o educando ao antigo e indesejável conceito de biblioteca – museu, parece ligar-se mais às características do próprio ensino tradicional. Ensino que se caracterizava pela memorização do ‘ponto’ ou a repetição em coro, ritmado, do ‘dois e dois são quatro’”. (POLKE, 1973)

Na busca por respostas às exigências de uma sociedade essencialmente capitalista – para qual apenas a formação e preparação do indivíduo com vistas à acumulação de conteúdo, função principal dos sistemas escolares do Estado, já não satisfazia – a educação começa a sofrer reestruturações e uma nova interpretação é dada à educação para cidadania. A educação passa a ter o dever de fazer do indivíduo uma unidade social economicamente produtiva, e daí um cidadão valioso.

O que corrobora a fala de PIMENTEL (1977) quando esta defende que:

“o desenvolvimento social total depende das condições materiais da sociedade, porém esta dependência não é exclusiva dessas necessidades, sendo também uma primazia as exigências culturais que cada sociedade necessita ter para alcançar essas condições materiais”.

A confirmar esta tendência, nas décadas do grande desenvolvimento econômico brasileiro a educação formal se viu diante de um grande desafio que era preparar o educando para exercer sua função produtiva em seu contexto capitalista.

Durante a vigência deste conceito utilitarista da educação, manifestado no Brasil principalmente no período da ditadura militar, esta assumiu uma tendência chamada industrial e foi considerada como instrumento para formação de mão-de-obra.

Nesta concepção, a função da escola é preparar o indivíduo para a sociedade reconhecendo que a eficiência econômica é uma das condições essenciais de boa cidadania.

Portanto, teoricamente o indivíduo além de ter sua formação como cidadão, sua educação também estaria voltada para sua futura ocupação no mercado de trabalho. Era o início de uma preocupação com a formação do trabalhador qualificado e de indivíduos economicamente produtivos. Neste período a educação se viu um pouco despojada de

⁸ Não que tenhamos descartado a possibilidade que tal conceito ainda esteja sendo utilizado na prática

suas características humanistas para ser encarnada por objetivos capitalistas de desenvolvimento.

Segundo SANTOS (1989) nas décadas de 60 e 70 a biblioteca escolar teve suas características básicas alteradas, sendo considerada como um lugar pouco atraente, e os livros, chatos e sem interesse.

Logo que esta concepção deu sinais de incapacidade em lidar com as mudanças pelas quais a sociedade começou a ser assolada, novas interpretações⁹ sobre o objeto educando, suas necessidades educacionais e sobre as prerrogativas de um mundo “pós-moderno” foram surgindo e sendo incorporadas ao ensino. Chegaram à escola preocupações com o desenvolvimento pessoal do educando, sua liberdade, sua contínua aprendizagem, respeito a sua identidade, ao ritmo próprio e individualidade, diversificação de ensino, convívio de diferentes culturas, extensão do ensino para além da sala de aula, também chegaram à biblioteca escolar novas preocupações no sentido de poder colaborar e assumir um real posicionamento diante do ensino.

“O progresso científico e tecnológico deu razões cada vez mais fortes para as mudanças no ensino e o ensino pressionou, mais diretamente, mudanças de conceituação e de funcionamento das bibliotecas escolares.” (OLIVEIRA, 1972) A possibilidade de utilização de uma gama muito maior e variada de recursos educativos trouxe novas demandas à educação, que já não pode estar centrada em um único e limitado espaço.

A substituição, na educação, do paradigma behaviorista da aprendizagem pelo paradigma cognitivista permitiu novas perspectivas para o ensino que então se libertava das garras dos princípios do ensino programado.

“A aprendizagem pela descoberta e pelo auto-ensino começou a ter um peso importante. (...) O aluno não é mais considerado como uma <<tábua rasa>> onde se vai gravando o conhecimento, mas como um ativo processador de informação, que constrói o conhecimento em interação com o meio, recorrendo a dois processos complementares: a assimilação e a acomodação.” (MIRANDA, 1997)

Com a evolução desse antigo conceito sobre ensino, a educação é redimensionada e ultrapassa as barreiras de simples transmissora de conhecimento. Uma

diária de instituições de ensino.

⁹ Importante ressaltar o plural presente na expressão “novas interpretações” uma vez que denota o sentido diversificado de se abordar e respeitar a própria diversificação social.

nova concepção de educação pautada por sua vez no atual estágio da sociedade¹⁰ que exige a formação de um cidadão que não só domine conhecimentos e detenha habilidades, mas que seja flexível, crítico, atento às mudanças, conscientes de seus direitos e deveres, além de ser capaz de reagir de modo eficaz à velocidade com a qual estão ocorrendo as mudanças.

O sujeito não pode ser tratado somente como um assimilador de um número cada vez maior de informações, mas principalmente como um consciente selecionador, sendo capaz de escolher dentre o que está disponível, aquilo que lhe é realmente relevante. Capacidade que se forma principalmente através da prática, do contato com fontes diversificadas de informação, exercitando habilidades de leitura, pesquisa e seleção.

“Utilização da biblioteca é de grande importância para a democratização da educação, considerada em suas formas de permanência e decorrência. Seu enfoque deve estar dirigido tanto para a massa de estudantes regulares quanto para a população adulta visada pelas várias formas de ensino e motivada pelas alternativas de desenvolvimento econômico”. (DISTRITO FEDERAL¹¹ citado por TARAPANOFF, 1982)

De acordo com essa concepção educacional “o ensino se fundamenta na auto-atividade do aluno, provocado em sua natural curiosidade, motivado por sua experiência pessoal, levado agradavelmente a procurar – e a encontrar – por si mesmo o mundo maravilhoso da cultura”. (CARVALHO, C. P., 1972)

Segundo MILANESI (1986):

“Uma prática de ensino que incluísse a leitura e a discussão exigiria transformações na escola, mudando a cena, alterando a sala de aula, mudando o papel do professor de mero transferidor de conteúdo, incrementando a biblioteca, incentivando todas as formas de acesso às informações registradas e a produção de novas informações. E, principalmente, propiciando a discussão – o que tornaria o aluno um criador de discursos e não apenas um ouvinte”.

Desse modo a escola não mais se sedimentaria como único local onde o aprendizado se efetua, relativizando também o papel da sala de aula enquanto único espaço dentro da escola a permitir o aprendizado e do professor como único transmissor, agente ativo e único do processo educativo.

Ao contrário, essa forma consolida a posição do professor como “agente

¹⁰ A chamada sociedade da informação onde a velocidade e o volume das informações postas à disposição do cidadão alcançaram um índice impressionante e jamais visto na história da humanidade.

¹¹ DISTRITO FEDERAL. Fundação Educacional do Distrito Federal. Direção de Apoio Pedagógico. Núcleo de Bibliotecas. Rede Integrada de Bibliotecas. Brasília, 1978. p. 65.

facilitador do processo, orientador, auxiliar na busca de caminhos” (ANTUNES, 1986) e privilegia não só a existência da biblioteca escolar como um espaço necessário na escola com ampla possibilidade e capacidade de desenvolver a leitura e a aprendizagem, mas seu uso, como experiência essencial no processo educacional.

É assim que a biblioteca – ampliando sua linha de ação, colaborando com o professor, desenvolvendo certas habilidades de pesquisa, incentivando habilidades de leitura, etc. – se integrará não só à escola, mas à exigência de uma educação formal que vem convivendo com mudanças significativas.

Assim sendo POLKE (1973) afirma que:

“O ensino do uso da biblioteca e de seus serviços a estudantes, apesar de sua importância não deveria ser considerada a única função educativa da biblioteca escolar. A conjugação de esforços entre professores e bibliotecários gera programas onde o papel educativo da biblioteca se revela em múltiplas facetas: motivação para estudo de unidades diversas, fixação da aprendizagem em outras, aprofundamento de estudos independentes, etc. Outro exemplo de função educativa da biblioteca: tomar conhecimento das pesquisas em curso, tendências, métodos e materiais educacionais.”

Concepções pedagógicas que alteraram o status educacional e ressaltaram a figura do aluno no processo de ensino-aprendizagem levaram a outra compreensão sobre a importância da biblioteca na vida escolar e de uma maneira mais significativa na própria constituição do ensino impulsionaram e impulsionam modificações nessa biblioteca.

ENGELHARDT¹² citado por OLIVEIRA (1972) enumera o que seriam causas de modificações quer espaciais, quer intrínsecas:

- a) o método de apresentação da matéria em conceitos diferenciados, substituindo o livro básico – se as unidades completas de estudo não cabem mais dentro de um simples livro texto, novos recursos de consulta têm de ser mobilizados; então a biblioteca cresce de tamanho para receber mais leitores e cresce em recursos de fontes de consulta para atender às necessidades de desenvolvimento dos temas;
- b) desde que se concluiu que a aprendizagem é um produto de inquirições e que as inquirições e buscas exigem fontes de consulta, o movimento da biblioteca cresce para trabalhos individuais e de pequenos grupos;
- c) o estudo independente e as pesquisas propriamente ditas, preconizados como método

¹² ENGELHARDT, Nickolaus L. Complete guide for planning new schools. West Nyack, N. Y., Parker, 1970.

de ensino-aprendizagem exigem também, da biblioteca, espaço e novas técnicas de ação no atendimento;

d) a biblioteca não é mais, simplesmente, um lugar onde se guardam livros, é um setor de atividades, em que, aos livros em movimento, se associam todos os recursos pluri-sensoriais.

É somente uma biblioteca escolar que opere enquanto um centro de informação educativo integrado à escola e à disposição de professores, alunos e funcionários estaria adaptada às exigências das novas e profundas alterações que o mundo vem sofrendo neste final de século XX e início do século XXI.

Segundo DOUGLAS (1971):

“No passado, o professor não tinha outro auxiliar além da cartilha; fazer aprender de cor era a última palavra da pedagogia. Hoje,¹³ ao contrário, os educadores sabem que numerosos meios permitem acelerar o processo de aquisição de conhecimentos e alargar-lhes o campo. A biblioteca desempenha papel cada vez mais importante nesse ensino novo, porque pode não só enriquece-lo em todas as disciplinas, mas também oferecer elementos de todos os graus de dificuldade”.

“Modernamente, como já foi dito, a biblioteca é o laboratório geral do ensino, o pivô de todo o sistema escolar. A biblioteca escolar deve ser instrumento pedagógico onde os professores possam preparar, cotidianamente, suas lições, devendo ser abrangido um conteúdo além do livro texto, desencadeando na pesquisa, na leitura, no desenvolvimento do trabalho pessoal. A biblioteca deve ser o lugar onde os alunos se sirvam diariamente para complementar os conhecimentos adquiridos em classe”. (SANTOS, 1973)

De acordo com esta citação poderíamos recuperar a importância da biblioteca num novo conceito de educação que se impõe juntamente com uma nova fase do desenvolvimento social.

“As bibliotecas escolares podem vir a ter não só uma importância nova, como também um novo caráter. Elas podem assumir um papel de muito maior relevância do que aquele que usualmente têm tido no desenvolvimento e na oferta de oportunidades mais flexíveis de educação, permitindo, além de suporte aos currículos, oportunidade para a aquisição personalizada de conhecimento, segundo as motivações de cada educando. (...) [Cumprindo, pois,] o papel de abrirem largas vias de acesso a formas de educação que se caracterizariam por flexibilidade e pelo estímulo à continuidade do processo educativo. A biblioteca serviria, assim, de ponte entre a educação formal que a estrutura atual da sociedade ainda requer, e a educação não – formal e permanente que já se anuncia¹⁴ como a mais compatível com as realidades da sociedade futura”. (CERDEIRA, 1977)

Desse modo, mais que não se poder duvidar que as bibliotecas escolares

¹³ Há 3 décadas atrás.

¹⁴ O que em 1977 se anunciava, podemos dizer que em 2000 já é uma realidade, mesmo que o seja para todos em todo e qualquer lugar do mundo, está muito mais próximo de chegar a ser.

constituem parte importante da administração escolar e da pedagogia moderna (CARVALHO, C. P., 1972), passamos a conviver com discursos que defendem a premissa: melhoria das bibliotecas escolares é ponto estratégico para a melhoria na qualidade do ensino. Idéia que já era defendida pela professora Maria Martha de Carvalho em 1982, para a qual a biblioteca deveria ser vista como suporte para a melhoria do ensino, ou seja, elemento essencial para atingir a qualidade de ensino desejada (TARAPANOFF, 1982) e significando ainda, para QUEIROZ (1985), que boa parcela dos alunos se libertaria do limitado espaço do livro texto. Segundo PEREIRA et al (1991):

“Um sistema dinâmico de bibliotecas escolares constitui um dos mais fortes apoios para o desenvolvimento e a melhoria do processo ensino-aprendizagem. A biblioteca escolar, como parte integrante da escola, constitui fator essencial para atingir as metas educacionais ao funcionar como elemento de apoio no desenvolvimento das atividades curriculares, motivando, assim, o interesse do estudante e do professor nos vários tipos de informação, formando, conseqüentemente, o hábito do uso da biblioteca por meio de um processo contínuo”.

Entretanto, segundo VÁLIO (1990) esta premissa permaneceria ainda na dimensão do discurso apenas:

“Ao longo dos anos, o conceito de biblioteca escolar vem-se transformando e tem sido uma questão obrigatória em eventos que discutem a educação, o currículo, a leitura. Relacionar a biblioteca com a melhoria de ensino, utilizando-a em sua plenitude, como mediadores do processo ensino-aprendizagem, parece ser uma prática não implantada ainda nas escolas”.

Ou seja, mesmo que alguns autores insistam em tratar a biblioteca escolar como presença indispensável à qualidade de ensino oferecido pela escola, sabe-se que em vários casos o processo de ensino-aprendizagem não é interrompido pela falta da biblioteca. Escolas continuam funcionando e o ensino continua sendo realizado, mesmo com a ausência ou precário funcionamento das bibliotecas escolares. Resta, em muitos casos, especulações a cerca da maneira como vem ou poderia estar sendo processado este ensino.

Se antes o ensino tinha uma estrutura rígida, onde o professor era a autoridade detentora de todo saber (o qual seus alunos desejariam e necessitariam possuir para o bem de suas vidas), com a evolução do campo educacional esta idéia vai sendo gradualmente alterada e a biblioteca escolar assume outro contorno.

Se numa prática educacional pautada principalmente no ensino, a importância e necessidade da biblioteca ficavam encobertas, numa prática voltada ao diálogo, à

descoberta e enfatizando as necessidades individuais acaba por exigir uma boa biblioteca e a participação desta na prática educacional.

Daí a importância das concepções educacionais defendidas pela proposta político-pedagógica da Escola Plural e conseqüentemente a importância da biblioteca para esta.

Ao se excluir práticas conservadoras de ensino, baseadas apenas em preleção – como é a proposta da Escola Plural – em prol da adoção de uma prática que privilegie o “aprender a aprender” e a formação de um cidadão crítico e ativo, amplia-se conseqüentemente a necessidade da colaboração da biblioteca escolar e de sua re-significação no processo educativo.

A escola e a biblioteca

Quando se fala em biblioteca escolar há que se pensar também no processamento da relação escola/ biblioteca personificada nas figuras do professor e do bibliotecário.

Sem dúvida, potencialmente, a biblioteca poderia assumir as funções de laboratório da aprendizagem e de centro de informação educativo das quais muitos autores falam e que modernamente se espera dela, mas isto não significa que o seja realmente. Para que isso aconteça é imprescindível melhor exploração do aspecto interativo entre esta e a escola e, conseqüentemente, o professor.

Esta relação influenciará, se não definir, a atuação da biblioteca escolar e a percepção que se constrói dela. É dessa relação que poderá nascer uma biblioteca engajada e integrada com a prática de ensino da escola. Unidas essas duas forças têm mais chances de abarcar recursos, mobilizar novos e antigos usuários, incentivar o uso, ampliar e dinamizar a ação da biblioteca e finalmente garantir a melhoria da qualidade de ensino.

Para DOUGLAS (1971):

“O professor desempenha grande papel no êxito de uma biblioteca central da escola primária, assim como a biblioteca pode contribuir poderosamente para o bom resultado da ação pedagógica do professor. Este, com efeito, toma parte ativa na escolha das aquisições da biblioteca, estabelece o programa no que diz respeito a seus alunos e vela pela execução desse programa. Age de modo que a biblioteca tenha seu lugar na atividade cotidiana da criança”.

Segundo NEGRÃO (1987):

“a biblioteca escolar, interagindo de modo harmonioso com o corpo docente, poderá cooperar na formação de várias atitudes: o hábito de utilizar informação, o de pesquisa, o gosto pela leitura, o hábito de usar a biblioteca, além do desenvolvimento do pensamento crítico e a motivação para a educação permanente”.

Se não existir um relacionamento satisfatório entre professor e bibliotecário a atuação da biblioteca escolar estará comprometida uma vez que é justamente “o entrosamento bibliotecário / professor que vai determinar a qualidade de educação do indivíduo nas próximas décadas”. (TARAPANOFF, 1982)

Nesse sentido alguns autores que se preocuparam em analisar a situação da biblioteca escolar também detiveram seus olhares, mesmo que de modo pouco sistematizado, sobre o professor e seu relacionamento com a biblioteca. De algum modo eles corroboram a afirmativa de que “sem a necessária confluência das ações docentes e discentes, parece-nos que a biblioteca não se projeta, não se institucionaliza e nem adquire a sua real identidade”. (SILVA, E. T., 1997)

Desses olhares foram coletados alguns depoimentos e considerações.

Entre os quais tem-se TARAPANOFF (1982) em cujo trecho o relacionamento professor/ biblioteca é considerado como básico para o funcionamento adequado da biblioteca. Em sua dissertação QUEIROZ (1985) concluiu que “os professores, de modo geral concordam em que a biblioteca escolar é necessária, embora alguns não a vejam como um instrumento de apoio ao seu programa de ensino”.

Para AMATO & GARCIA (1989): “é evidente a necessidade de entrosamento entre professores, bibliotecários e/ ou responsáveis para que se realize um trabalho de cooperação e participação, visando à melhoria do processo ensino-aprendizagem”.

Segundo SILVA, E. T. (1989)

“Sem a participação – ativa e constante – dos professores, a dinamização da biblioteca escolar dificilmente será viabilizada na prática. Isto porque são os professores os responsáveis pelo planejamento do ensino, o que, direta ou indiretamente, repercute na distribuição do tempo acadêmico dos alunos.”

Em outra ocasião SILVA, E. T. (1991) reafirma a necessidade de integração da biblioteca com a escola, segundo o autor:

“A organização e a dinamização dessa biblioteca devem ser feitas por um ou mais

bibliotecários, trabalhando em íntima relação com o corpo docente e discente e fazendo a ligação com as necessidades da comunidade. Sem essa integração, sem essa comunhão de esforços, é quase certo que a biblioteca escolar peque e pereça pela descontinuidade e pelo isolamento”.

Segundo DOUGLAS (1971):

“A biblioteca não pode desempenhar plenamente seu papel na escola primária se não conta com a integração total do mestre. O professor é, para a criança, o adulto cujo exemplo tem o máximo de peso, nessa fase de sua formação. Se não usa a biblioteca para suas leituras e documentação, e não encoraja os alunos a imitá-lo, depois será talvez muito tarde para incutir-lhes o hábito de pesquisa pessoal e da análise crítica dos fatos; talvez também jamais venham a conhecer as alegrias da leitura”.

Entretanto, se essa integração é tão necessária, raras são as situações em que realmente é processada. Na maioria dos casos parece haver um abismo separando a biblioteca da escola e o bibliotecário do professor. O não reconhecimento da biblioteca como algo de suma importância no contexto escolar e do bibliotecário como um agente educador, leva a um distanciamento crescente e à confirmação da não necessidade de integrá-los ao exercício educacional.

O professor muitas vezes sobrecarregado de tarefas, opta pelo confinamento, acomoda-se e evita procurar outras possibilidades para enriquecer sua prática e sua performance em sala de aula. Convencido de que não poderia encontrar nada de muito interessante numa biblioteca escolar que o auxiliasse realmente ele distancia-se desta.

O distanciamento do professor é analisado como altamente comprometedor para o espaço da biblioteca na rotina da escola. Segundo SANTOS (1973):

“Do ponto de vista pedagógico, a biblioteca escolar não alcançou ainda o seu lugar ao sol. Ainda não foi incorporada às atenções primordiais do corpo docente.(...) A maioria dos professores jamais pôs os pés na biblioteca de sua escola, nem a ela acompanhou seus alunos, aproveitando o horário da biblioteca para repousar ou tomar um café na sala dos professores.”

O não entendimento ou a não integração entre o profissional da biblioteca e o professor cria um conflito que dilui, muitas vezes, a função educativa da biblioteca, alienando-a do contexto pedagógico da escola.

Não se pode alienar a biblioteca do processo educativo, sem prejuízo para todos os interessados: o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico-pedagógico; o bibliotecário ou responsável, que vê seus esforços se perderem no vácuo das ‘impossibilidades’ e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande

instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica. A biblioteca escolar deve existir como um órgão de ação dinamizadora e não cair na passividade que, às vezes, nos leva a não efetuar um trabalho difusor de informações por não nos sentirmos estimulados e respaldados por aqueles que seriam, em primeira instância, beneficiados pelo trabalho da biblioteca.

Segundo ANTUNES (1987) “o professor, e especialmente aquele que assume as primeiras séries do primeiro grau, não desenvolve na sua formação, o hábito de freqüência à biblioteca”.

Posição que é corroborada pela seguinte fala da professora Maria Martha de Carvalho para a qual “não existem nem mesmo unidades físicas de biblioteca, quanto mais integração escola / biblioteca” (TARAPANOFF, 1982), o que abarca principalmente professores e bibliotecários. Fato que explicaria o desconhecimento, por parte dos professores, das possibilidades e dos recursos da biblioteca, os quais poderiam ser utilizados no desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem. Desconhecimento este detectado por SILVA, S. A. (1997) em sua pesquisa e reafirmado pela pouca freqüência das professoras à biblioteca da escola, durante o período em que foi efetuada sua observação.

Também para SILVA, E. T. (1991) “os professores não conhecem os acervos existentes nas bibliotecas e nem orientam os alunos no que tange ao uso objetivo dos seus serviços”.

Esta é uma questão que incomoda muitos e instiga quanto às suas causas. Há quem remonte estas à formação do professor e defenda, assim, a necessidade de reformulação dos currículos responsáveis pela formação do profissional do magistério, incluindo nestes o conhecimento e tratamento necessários para o uso da biblioteca escolar, permitindo quem sabe que tais profissionais descubram as possibilidades que uma biblioteca escolar pode oferecer quando é bem utilizada. O professor deveria ser formado de acordo com o conceito de escola renovada e com vistas a uma prática de ensino que melhor se relacione com as exigências de um mundo moderno repleto de informações e de suportes que condicionam estas. Neste contexto o professor já não pode agir como se fosse o único a deter o conhecimento, uma vez que a humanidade alcançou um grau bastante elevado de acúmulo deste, e muito menos o único

instrumento a transmitir conhecimento.

Outro ponto que se uni à questão da formação do profissional do magistério é a sua intimidade com uma biblioteca, assumindo o papel de usuário desta. Papel que parece ter sido esquecido por algumas concepções que parecem ter a biblioteca escolar como espaço a ser utilizado somente por alunos e, portanto, sua função principal estaria em desenvolver o hábito de leitura nestes.

Para que se possa contar não somente com uma integração entre professor/bibliotecário, mas com a participação efetiva do professor, na difícil tarefa de dinamizar a biblioteca escolar, é preciso que se garanta que tanto o seu planejamento quanto sua atuação também estejam voltados para o professor no papel de usuário. A biblioteca escolar precisa atingir sua comunidade da qual o professor faz parte.

Além da função social de facilitador no processo de ensino-aprendizagem e “de mediador na transferência da informação entre um estoque de conhecimento, acumulado e disponível na sociedade, e um usuário que necessita de conhecimento no seu processo de desenvolvimento pessoal e social” (PEREIRA & FREIRE, 1997), o professor também constitui um usuário desse dito estoque de conhecimento. À medida em que é tratado como usuário e mediador cresce a necessidade de investiga-lo bem como conquista-lo e desenvolver estratégias que o satisfaça.

Conclusão

A biblioteca não deve se fechar em torno do aluno, seu posicionamento frente ao professor é importantíssimo. Ambos, professor e aluno, necessitam usufruir os benefícios que uma biblioteca na escola podem promover.

Raras são as concepções que tratam o professor como um usuário, e que se ainda não o é realmente, deve ser conquistado e convidado a sê-lo, bem como tratam a biblioteca escolar como centro de informação cuja clientela possui perfil diversificado uma vez que atende a alunos de variada faixa etária e nível de aprendizagem e desenvolvimento, professores de várias áreas, além de funcionários e a comunidade escolar.

Esta realidade urge por ser alterada. O professor é um potencial usuário que conta com um forte apelo promocional. A biblioteca escolar ao ignorar este usuário e

suas características peculiares está inevitavelmente reduzindo seu campo de atuação além de provavelmente estar perdendo outros futuros usuários – alunos aos quais somente os professores chegariam, poderiam conquistar e incentivar a utilizarem a biblioteca escolar.

Portanto, é preciso transformar a biblioteca escolar também num recurso que atenda e apóie o trabalho do professor para se garantir a parceria com este.

Não ignorando a problemática que envolve a formação do professor, deve-se lembrar também que qualquer ação que seja elaborada neste sentido só incluirá em seu bojo os profissionais que ainda irão se formar ou estão se formando. E quanto aos profissionais que estão atuando? Um professor que não usufruiu um contato mais íntimo com a biblioteca durante sua formação não deve ser ignorado após. Há que se desenvolver estratégias que abarquem estes profissionais e os integrem às práticas educacionais que vão além do uso exclusivo do livro texto e que têm na biblioteca escolar uma grande aliada.

Somente através de um trabalho integrado e coerente entre educação, escola, professor e biblioteca será possível transformar a biblioteca escolar num centro de informações educativo que satisfaça às demandas (explicitadas ou não) tanto de seus usuários como dos não-usuários. Entretanto, para que esta integração se concretize é preciso que a biblioteca escolar esteja preparada para acolher o professor em seu triplo papel de usuário/ facilitador/ parceiro.

Referências

AMARO, Regina K. O. Ferreira. *Biblioteca interativa: concepção e construção de um serviço de informação em ambiente escolar*. 1998. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A biblioteca na escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). *Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 9-23.

ANTUNES, Walda de Andrade. Biblioteca e sistema de ensino. *Boletim ABDF Nova Série*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 121 – 125, abr./ jun. 1986.

ANTUNES, Walda de Andrade. Onde estão as bibliotecas escolares? *Cadernos do CED*, Florianópolis, v. 4, n.10, p. 58-66, jul./ dez. 1987.

BRASIL. Ministério de Educação/ SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Introdução. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

CAMPOS, Cláudia de Arruda; BEZERRA, Maria de Lourdes Leandro. Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). *Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 77-96.

CARVALHO, Carmem Pinheiro de. A biblioteca e os estudantes. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 196 – 211, set. 1972.

CERDEIRA, Theodolindo. A biblioteca escolar no planejamento educacional. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 35 – 43, jan./ jun. 1977.

DAVIES, Ruth Ann. *La biblioteca escolar: propulsora de la educacion*. Buenos Aires: Bowker Editores, 1974.

DOUGLAS, Mary Peacock. *A biblioteca da escola primária e suas funções*. Rio de Janeiro: INL, 1971.

KAEGBEIN, Paul. A importância da biblioteca no processo educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., 1982, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba, 1982. v. 1. p. 71 – 80.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. *História do Brasil*. São Paulo: Atual, 1987.

LOURENÇO FILHO, M. B. *O ensino e a biblioteca: 1ª conferência da série educação e biblioteca*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MILANESI, Luiz. *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MILANESI, Luiz. *Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. As novas tecnologias e a inovação das práticas educativas. *Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 85 – 91, abr./ out. 1997.

NEGRÃO, May Brooking. Da enciclopédia ao banco de dados; a biblioteca escolar e a educação para a informação. *Cadernos do CED*, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 87 – 112, jul./ dez. 1987.

NOGUEIRA, Maria Christina de Almeida. Considerações sobre o usuário da biblioteca escolar. *Boletim ABDF Nova Série*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 147 – 150, abr./ jun. 1986.

- OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. Escola e Biblioteca. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 184 – 195, set. 1972.
- PEREIRA, Armando Carvalho; FREIRE, Isa Maria. Atualização técnico- científica do professor do ensino médio: uma abordagem na Ciência da Informação. *Perspectiva em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 175 – 185, jul./ dez. 1997.
- PEREIRA, Ana Maria Gonçalves dos Santos et al. Reestruturação e/ ou implementação das bibliotecas escolares do Estado da Paraíba da rede pública de ensino de 1º e 2º graus. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. *Anais...* Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p. 362 – 379.
- PIMENTEL, Cléa Dubeux Pinto. Programa de criação e instalação de bibliotecas escolares na rede de ensino oficial. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 693 – 705, jul./ dez. 1977.
- POLKE, Ana Maria Athayde. A biblioteca escolar e o seu papel na informação de hábitos de leitura. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 60 – 72, mar. 1973.
- QUEIROZ, Raimunda Augusta de. *Recursos de biblioteca das escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino da região da grande vitória: diagnóstico da situação*. 1985. Dissertação. (Mestrado em Administração de Bibliotecas) – Escola de Biblioteconomia, UFMG, Belo Horizonte, 1985.
- QUEIROZ, Raimunda Augusta de. Bibliotecas escolares brasileiras: um impasse ou um desafio? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 14., 1987, Recife. *Anais...* Recife: Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco, 1987. v. 2, p. 648 – 664.
- SANTOS, Inácia Rodrigues dos. A biblioteca escolar e a atual pedagogia brasileira. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 145 – 149, jul./ dez. 1973.
- SANTOS, M. S. Multimeios na biblioteca escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). *Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 97-108.
- SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES, 1., 1982, Brasília. *Anais...* Brasília: Fundação Nacional pró-memória/ INL, 1982.
- SEMINÁRIO BIBLIOTECA ESCOLAR: espaço de ação pedagógica, 1., 1998, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: quem cuida? In: GARCIA, Edson Gabriel (Coord.). *Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 25-33.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos bem abertos: Reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Ensino e biblioteca. *Releitura*, Belo Horizonte, n.10, p.53-56, jun. 1997.

SILVA, Santuza Amorim da. *Práticas e possibilidades de leitura na escola*. 1997. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 1997.

TARAPANOFF, Kira. Biblioteca escolar: os problemas de forma, função e significado. *Boletim ABDF Nova Série*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 36 – 41, jan./ mar. 1982.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. *Transinformação*, Campinas, v. 2, n. 1, p. 15 – 24, jan./ abr. 1990.